

# Ser ou não ser imprescindível

Sobre o canibalismo e a ética da psicanálise

Joel Birman

Um analista decide interromper por um ano sua prática clínica para pesquisar e estudar no Exterior. Outros analistas se escandalizam, o invejam, o acusam... Por que? Do que?

*Para Patrícia, meu amor de sempre.*

*"No meu foro interior, não creio que seja necessário um talento particular para decolar do solo e flutuar no ar. Nós temos todos isso em nós - homens, mulheres e crianças - e, mediante bastante esforço e concentração, todo ser humano é capaz de repetir as explorações que realizei quando era Walt, o Prodígio. É necessário aprender a não ser mais você mesmo. É aí que tudo começa e o resto resulta disso. É necessário se deixar evaporar. Deixar os músculos se tornar inertes, respirar até que se sinta a alma escorrer fora de si, e depois fechar os olhos. É assim que se faz. O vazio no interior do corpo se torna mais leve que o ar em torno de nós. Pouco a pouco acaba-se por pesar menos que nada. Fecha-se os olhos; separa-se os braços, deixa-se evaporar. E então, pouco a pouco, pode-se sair do chão. É assim".*

Paul Auster<sup>1</sup>

## Na trilha do mal-estar

Quando decidi interromper por um ano e meio minhas atividades como psicanalista para realizar um período sabático em Paris, acabei por provocar, à minha revelia, um certo mal-estar em torno de mim. Este mal-estar assumiu contornos bastante específicos e se referiu a um grupo

bem particular de pessoas, como assinalarei em seguida. Contudo, é preciso dizer logo, no começo deste texto, que o mal-estar produzido e sobretudo o seu campo de referência se constituíram numa experiência inesperada

Joel Birman é psicanalista, professor do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

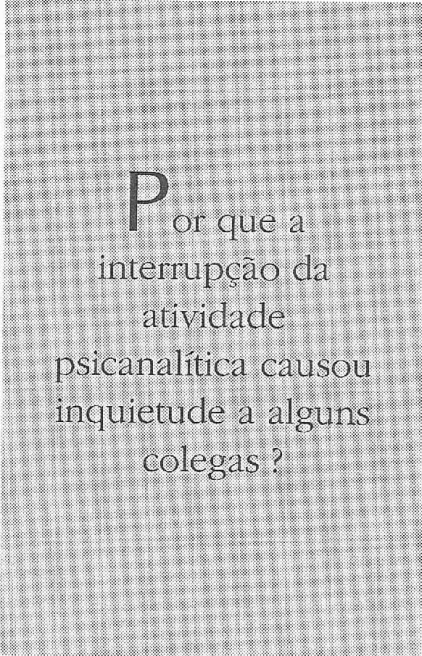
para mim, e mesmo numa verdadeira surpresa. Foi justamente o meu espanto com o que se registrava à minha volta que se transformou na condição de possibilidade para uma reflexão renovada sobre a ética da psicanálise e sobre alguns impasses da experiência analítica. Esta é a razão pela qual me dedico agora ao trabalho de escrever algo sobre tudo isso, maneira de transmitir para os outros a elaboração que realizei deste mal-estar bastante particular. Em se tratando pois de um ensaio de elaboração de uma experiência psíquica, o que está em questão é o enunciado de uma interpretação, de ordem psicanalítica, evidentemente.

Vou localizar inicialmente o mal-estar em pauta.

Evidentemente, este mal-estar não estava presente na minha família. Não obstante os temores iniciais que são produzidos pela transposição de um país para um outro e o estranhamento absoluto que isso representa, todos estavam dispostos a e mesmo desejosos de viver uma experiência temporária na Europa. Assim, minha mulher iria fazer também o seu período sabático e não simplesmente me acompanhar: caso contrário seria um absurdo. Para ela então a instalação por um certo tempo na França era uma experiência desejada. Os meus três filhos queriam viver uma experiência escolar e cultural diferentes. Desta forma, meu filho adolescente foi para o Liceu e as duas outras, adultas jovens, foram para a Universidade. Todos eles se prepararam bem no que concerne à língua francesa, para poderem ser matriculados nos seus cursos respectivos. Enfim, minha ida para Paris não se constituiu em qualquer fonte de inquietude para os meus familiares.

Portanto, o dito mal-estar deve estar em outro lugar. Entre os meus analisandos, talvez? Estes receberam mal a idéia de que o seu analista pudesse interromper a sua ati-

vidade clínica por este tempo e reagiram conforme o esperado, evidentemente. Desta maneira, sentiram-se abandonados e rejeitados por mim, vivenciando em consequência grandes angústias e um gigantesco desamparo. Tudo isso se inscreveu devidamente no campo transferencial de cada uma das experiências analíticas em pauta. Contudo, todos os meus analisandos ficaram comigo até o fim, com a exceção de um que interrompeu a análise um mês antes, bastante in-



Por que a  
interrupção da  
atividade  
psicanalítica causou  
inquietude a alguns  
colegas?

comodado pela interrupção. Os demais elaboraram os seus terrores de maneira satisfatória, não obstante o desamparo e as angústias primordiais provocadas por uma situação como esta.

Com a exceção de um analisando, não deixei qualquer indicação de um outro analista para os demais, caso precisassem. Não fiz isso porque estes não me pediram, e respeitei a inexistência de qualquer demanda nesta direção. Pelo contrário, todos os outros tinham a firme convicção de me esperar, para retomar a análise na minha volta. Considero tudo isso quase como um indicador seguro de que houve

uma elaboração razoável das angústias e do desamparo em questão, de forma que poderiam me esperar, pois não se encontravam numa situação catastrófica. Enfim, o mal-estar provocado pela interrupção de minha atividade psicanalítica não se encontrava entre os meus analisantes, que viveram a suspensão da análise como deviam e como podiam, de forma até mesmo admirável para a situação-limite em que se perceberam lançados.

Onde se encontrava então o mal-estar? Entre os meus colegas, os psicanalistas. Isso não deixa de ser surpreendente, evidentemente. Eu diria que é algo quase escandaloso! Por que a interrupção da atividade analítica de um colega, por um certo tempo, se transformou na fonte de uma certa inquietude para alguns analistas? Onde estava a fonte desta inquietude? É bom que se diga que nem todos os meus colegas assim reagiram, mas apenas alguns entre eles. Minha preocupação aqui vai se centrar nestes últimos, é óbvio. Isso porque é o mal-estar provocado à minha revelia que me interessa circunscrever aqui de maneira bem precisa.

## A inquietude e seus destinos no Brasil

Vou me referir primeiro aos analistas brasileiros, certamente. Isso porque foi entre estes que me deparei inicialmente com o mal-estar em questão. Assim, comecei a perceber de forma velada inicialmente e depois ostensiva, a presença de uma certa hostilidade no ar, um certo desconforto que eu provocava com o meu ato. Esta inquietude hostil podia se enunciar de forma discursiva, ou se manter num silêncio polido, mas estava lá sempre presente. Quando se ordenava como discurso, podia assumir diferentes formas e se apresentar de maneiras diversificadas, conforme os argumentos arrolados.

Assim, alguns me diziam diretamente ou a outros colegas de forma indireta que o que eu estava fazendo era um absurdo, algo que um analista não poderia fazer jamais. Afinal das contas, como é que um analista podia abandonar os seus analisandos, suspender as suas análises de uma hora para outra e simplesmente ir embora para um outro país! Além disso, como é que eu deixava os meus analisantes ao léu e não indicava um outro analista para eles continuarem as suas análises! Havia então um procedimento acusatório evidente na maneira de colocarem as coisas para mim. A finalidade escarrada deste tipo de discurso

campo psicanalítico brasileiro e um grande reconhecimento universitário, por que fazer isso?

Neste ponto o enunciado podia se desdobrar em duas direções opostas. Pela primeira possibilidade, o argumento assumia uma direção acusatória e se formulava como uma interpretação “selvagem”. Assim, se eu já tinha conseguido tanto, nos registros psicanalítico e universitário, e ainda queria mais, é porque deveria ser um sujeito muito voraz, e tinha essa dimensão minha muito “mal” analisada. Enfim, eu teria um sintoma a ser analisado e seria isso o que deveria fazer, ao invés de interromper a prática analítica e viajar para Europa.

tração de capital simbólico e financeiro, sendo pois regulado este discurso pela lógica da caderneta de poupança.

Se eu tivesse ainda decidido interromper o meu trabalho aqui para me reanalisar, num outro lugar e numa outra tradição analítica, tudo isso seria ainda aceitável, me diziam outros. Ainda que eu pudesse dispor na atualidade brasileira de um campo analítico bastante complexo e pudesse me reanalisar no Brasil, me afastar para fazer uma outra análise seria compreensível, apesar da censura. Esta possibilidade de se reanalisar se inscreve pois num repertório pré-estabelecido, com uma tradição longa no Brasil e no campo analítico internacional, de maneira que nesta condição meu gesto seria bem aceito. Caso contrário, meu ato não fazia sentido e seria irresponsável. Enfim, meu ato não passaria de um sintoma.

Foi isso tudo que escutei de alguns dos analistas brasileiros, a partir do mal-estar neles provocado, pela minha decisão de interromper temporariamente minha prática analítica. As quatro formas de enunciados acima referidas estavam presentes de acordo com os interlocutores em pauta. Algumas vezes, todavia, estas diferentes ordens de discurso se misturavam de maneira completa, sendo enunciadas pelos mesmos interlocutores ao mesmo tempo, de forma a passar de forma quase insensível de um discurso para o outro.

Foram estes os destinos da inquietude que provoquei entre os analistas, no cenário brasileiro.

### Do outro lado do Atlântico

Contudo, esta inquietude dos analistas não se restringiu ao Brasil, pois pude registrá-la também na França. Entre alguns colegas parisienses, pude perceber que o mesmo mal-estar estava presente. As formas pelas quais a inquietude

**E**u teria um sintoma para ser analisado, e deveria fazer isso, ao invés de interromper a prática analítica e viajar para a Europa.

era de me culpabilizar, como se tivesse realizado aquilo que um analista não poderia nunca fazer. Enfim, eu teria agido de forma anti-ética.

Outros não entendiam muito bem por que eu fazia isso. A construção discursiva aqui é diferente da anterior. Assim, me diziam de forma frontal: para que interromper a minha atividade psicanalítica no Brasil e ir para a França estudar e pesquisar, se eu já estava com a “vida ganha” nas nossas paragens! Se eu já tinha uma posição privilegiada no

Pela segunda possibilidade, contudo, o argumento se transformava num enunciado político e numa formulação sobre a acumulação de bens simbólicos. Assim, me diziam que se eu já tinha tanto, do ponto de vista simbólico, eu deveria me alimentar da minha “glória” e “militar” pela psicanálise no Brasil, valendo-me pois de meu capital simbólico para isso, e aumentá-lo mais ainda desta forma! Enfim, havia aqui uma mentalidade acumulativa em ação, que pensa a existência das pessoas em termos de concen-

se apresentava eram diferentes, sem dúvida. Porém a fonte que alimentava a produção desses novos discursos era seguramente o mesmo mal-estar. Não deixa de ser surpreendente e até mesmo espantoso!

Vou começar pelo que é mais brutal e caricato, para me deslocar em seguida para os discursos mais delicados e suaves. O que se formulou primeiro foi a não-aceitação e o não-reconhecimento, por parte de alguns analistas, dos argumentos que enunciei para minha interrupção da atividade analítica. Assim, que eu quisesse ficar um tempo dedicado ao estudo e à pesquisa não era reconhecido como tal, pois não eram razões suficientes para satisfazer a fera na sua fúria contra mim! Era um discurso raivoso e acusatório. Era evidente, me diziam alguns colegas, que eu devia estar com algum "problema" com relação à minha atividade psicanalítica, e que me "defendia" desta dificuldade pela suspensão temporária da prática analítica. Então, teria feito um *acting out* de meus impasses, como se diz na linguagem técnica da psicanálise. Trata-se pois de um discurso curto e grosso, como se diz na linguagem comum.

Em seguida, o discurso que se enunciou foi de que eu teria feito um ato "onipotente", não escutando os meus analisandos e agindo de forma unilateral. Afinal das contas, um analista que resolve de maneira "unilateral" a suspensão temporária de suas análises, sem consultar sequer os seus analisantes, funciona de uma forma completamente todo-poderosa! Enfim, eu teria agido de maneira abusiva, como se fosse um deus do Olimpo.

Bem, a psicanálise é uma atividade da qual os analistas precisam para existir, de uma maneira fundamental. Não prescindem dela, em hipótese alguma! Por isso, os analistas trabalham até uma idade muito avançada, quase até a morte, o que não acontece com as outras profissões, nas quais as pessoas se aposentam numa certa idade, devida-

O temor de perder seu espaço clínico ou a credibilidade entre os colegas provém da angústia de perder o lugar social e o reconhecimento simbólico.

mente regulamentada pelo Estado. Então, se eu estava interrompendo a minha atividade analítica, considerando tudo isso, certamente algo muito "problemático" estaria acontecendo na minha relação com a prática analítica. Por conseguinte, como é que eu poderia abrir mão desta fonte de existência e de reconhecimento, o que não costuma fazer nenhum analista? Assim me diziam outros colegas.

Outros ainda me falaram outras coisas, de caráter agora mais delicado e suave, é verdade. O discurso agora muda de tom e ganha outras ressonâncias afetivas, perdendo a sua marca acusatória. Assim, alguns colegas me disseram que gostariam de fazer o que eu tinha feito, de forma a suspender suas atividades analíticas temporariamente para dispor de mais tempo para estudar

e escrever. Aqui, contudo, o argumento se bifurcava, a partir desta base inicial.

Uns me diziam então que não podiam fazer isso, apesar do desejo de fazê-lo. Isso porque, se interrompessem suas práticas clínicas por três ou seis meses, não poderiam reconstituir em seguida os seus consultórios. Tudo seria muito difícil e levaria muito tempo. A competição no mercado psicanalítico parisiense era tão intensa e violenta que, neste breve tempo de interrupção, perderiam os seus lugares conquistado a duras penas! Para minha escuta, o argumento me parece excessivo, mas era nisso que algumas pessoas acreditavam firmemente e diziam isso de forma literal.

Outros, pelo contrário, me diziam que se interrompessem a prática analítica por um tempo, o que gostariam firmemente de fazer, seriam muito mal-vistos pela comunidade psicanalítica parisiense. Passariam a ser, por conseguinte, mal-vistos pelos demais analistas, que passariam a encará-los como pessoas "não sérias" ou "pouco sérias". Com isso perderiam a credibilidade entre os colegas. A angústia que isso provocava era de tal ordem, que preferiam não interromper temporariamente as suas atividades e continuariam as suas vidas como estavam, sem satisfazer este desejo. Paciência! Enfim, seria bem melhor se proteger do que correr o risco de ousar e de perder o seu lugar ao sol, não obstante o desejo efetivo de querer realizá-lo.

Estes dois últimos discursos podem ser percebidos como sendo provenientes de um mesmo lugar simbólico, tendo o mesmo núcleo da enunciação. Assim, temer perder o seu espaço clínico por interromper suas atividades psicanalíticas provisoriamente, por um lado, e não ser visto como uma pessoa "séria" por isto, pelo outro, implicam ambos no fundo a mesma questão e a mesma angústia: perda de lugar social e não-reconheci-

mento simbólico, pela não-aceitação pelos outros e por si mesmos de seus atos como sujeitos desejantes. Uma razão se imbrica e se dobra na outra, sem solução de continuidade e sem estabelecer nenhuma ruptura.

Evidentemente, a referência à falta de seriedade pela interrupção temporária da atividade analítica poderia ser interpretada por mim como uma alusão à minha condição de sul-americano. Bem, um brasileiro pode fazer perfeitamente o que eu fiz, mas um francês? Impossível! A falta de seriedade pode existir na América Latina, mas na França seria algo da ordem do impensável. Por-

curso, uma reação positiva de espanto e até mesmo de admiração pelo meu ato ousado, não obstante a pouca clareza do que isso podia querer exatamente dizer, além desta obviedade. Contudo, existia o reconhecimento de uma ousadia digna de ser valorizada e reconhecida.

### **Eu não preciso de vocês para existir**

Tudo isso, o que escutei tanto na França quanto no Brasil, foi para mim fonte de um grande ensinamento. Uma grande lição de vida. Como aprendi com tudo isso, não

psicanalista apesar da suspensão de minhas atividades formais analíticas, o que pode parecer um contrassenso para a escuta de alguns de meus citados colegas. O sentido do que quero dizer com tudo isso ficará mais claro em seguida, com o desdobramento deste texto, mais adiante.

Contudo, é evidente que para ser psicanalista não é preciso se restringir aos aspectos formais da prática psicanalítica, mas que é preciso ir além disso. É preciso radicalizar sobre isso e reconhecer efetivamente que ser analista é uma forma de ser e de existir diante das coisas, que não se restringe apenas ao quadro formal da cura psicanalítica. Pelo contrário, este *a priori* ético é a base inofismável que deve fundar, de fato e de direito, a experiência psicanalítica enquanto tal. O resto é o resto, isto é, não tem qualquer importância, pois não passa de algo da ordem das lantejoulas e de um formalismo destituído do que é fundamental na experiência psicanalítica. Vale dizer, o que importa é ser tocado efetivamente pelo que se processa no registro do inconsciente e adquirir devidamente a escuta disso de forma eloquente e densa.

Para explicitar bem tudo isso, é preciso que eu deixe claro o que vivi de fato, antes de tomar a decisão de interromper provisoriamente minha prática clínica por um ano e meio. Vou explicitar agora apenas uma parte desta experiência. Adiante, vou incluir o resto desta história. O que se segue pois é uma narrativa condensada da elaboração psíquica que tive que realizar para empreender o que fiz.

Antes de mais nada, é preciso que se diga que não foi uma decisão fácil para mim. Pelo contrário, foi uma decisão muito difícil e até mesmo angustiada, como não poderia aliás deixar de ser. Seria estranho se não fosse assim. Desta maneira, apesar de sempre ter desejado viver um tempo fora do Brasil, para estu-

**S**er analista é uma forma de ser e de existir que não se restringe apenas ao quadro formal do tratamento psicanalítico.

tanto, inconseqüência sul-americana, mas responsabilidade francesa e européia. Afinal das contas, o mundo vive dos contrastes e as pessoas se alimentam disso para se valorizar no seu narcisismo das pequenas diferenças.

Finalmente, outros analistas se referiram ao meu gesto como alguma coisa da ordem do heroísmo e da ousadia. De uma certa forma, valorizaram o meu ato de uma forma positiva e instigante. Assim, eu teria feito o que os psicanalistas não fazem nunca, ou mesmo não realizam quase nunca. Existe, neste dis-

apenas como analista, mas também como sujeito! Não porque acreditas-se literalmente no que me era dito, bem entendido. Longe disso. Mas, pelo contrário, eu pude aprender muito com tudo isso porque pude pensar de forma sistemática sobre o que estava sendo dito para mim, com um ouvido de analista, seguramente. Pois é evidente que não deixei de ser psicanalista, apesar da interrupção temporária de minhas atividades formais enquanto tal. Pude reconhecer com toda esta experiência, e isso pode parecer uma grande ironia, que continuei a ser

dar livremente e me inserir provisoriamente numa outra cultura, este desejo era contudo abstrato. Enquanto universitário eu poderia fazer isso sem qualquer dificuldade, evidentemente. Seria até bom. Eu interromperia as minhas atividades acadêmicas regulares, isto é, os cursos, as orientações de tese, as reuniões intermináveis e a pesada burocracia universitária. Ufa! Seria um grande alívio, após tantos anos de trabalho. Com isso, me livraria do peso das obrigações cotidianas e iria apenas estudar e pesquisar. O que poderia desejar mais?

Entretanto, eu não era apenas um professor universitário, mas também um psicanalista. Enquanto tal tinha compromissos fundamentais com os meus analisandos. Refiro-me a compromissos vitais e não formais, evidentemente. Como fazer isso, então? Este era o impasse em que me encontrei por muito tempo, desde que a questão foi reconhecida por mim como um desejo verdadeiro de viver um tempo fora do Brasil.

Apesar disso, fui elaborando aos poucos esta possibilidade e transformando-a em realidade, não obstante a angústia e a culpa que isso tudo me provocava em relação aos meus analisantes. Sobre isso, eu e minha mulher fomos pensando neste impasse de forma continuada e sistemática, de maneira a ir dissolvendo aos poucos os obstáculos que tudo isso representava para mim.

A resolução passou por um momento decisivo, em que tudo se transformou para mim. O ponto central de inflexão foi a descoberta de algo que sempre soube. Assim, se trata pois de uma verdadeira redescoberta. Contudo, eu sabia muito menos sobre isso do que imaginava, de acordo com o que pude verificar *a posteriori*. Eu sabia disso de forma teórica e passei a saber, a partir de então, de maneira visceral. Isso faz toda a diferença, pois tudo muda com a passagem da cabeça para as tripas.

O que eu pude redescobrir é que os analistas em geral precisam de forma *quase* absoluta de seus analisandos para viver. E, mais do que isso, existe uma fragilidade narcísica nos analistas, de maneira que estes lidam com esta fragilidade através de seus analisandos, que tamponam as suas faltas e falhas psíquicas. Estas formulações teóricas existem certamente na memória da psicanálise, onde podemos encontrar diversos textos escritos sobre a questão, mesmo que esta seja tratada de forma superficial e pontual. Contudo, esta formulação, que

tudo isso e de estar muito bem informado deste problema do ponto de vista teórico, minha experiência clínica com os meus analisandos era bastante importante para a minha existência enquanto sujeito. Eu me alimentava pois, de uma certa maneira, da existência de meus analisandos, para preencher algumas de minhas demandas como sujeito.

Problemático isso? Sim, muito problemático. Evidentemente, se coloca aqui uma questão crucial para mim e para qualquer psicanalista. Por que eu satisfazia certas

O que eu pude redescobrir é que os analistas em geral precisam de forma *quase* absoluta de seus analisandos para viver.

era até então para mim abstrata, passou a assumir colorações e tonalidades bastante concretas, marcadas por uma grande intensidade afetiva. O que pretendo dizer com isso?

Pude descobrir então que, apesar de estar bem com a minha existência, eu vivia de uma *certa forma* através de meus analisandos. Pode ser duro dizer isso, mas é preciso fazê-lo para que se possa *reconhecer* o que está em questão nisso tudo. Esta foi a condição essencial para eu poder sair da angústia e da culpa que me provocava deixar os meus analisandos temporariamente. Isso quer dizer que, apesar de

carências e certas feridas narcísicas minhas pela via da experiência da transferência, me satisfazendo relativamente com isso, apesar de saber perfeitamente que as coisas não deveriam se passar desta maneira? Contudo, isso *acontecia* justamente desta maneira, não posso negar isso e não reconhecer a minha experiência como sujeito. É óbvio que isso se passava.

Foi com isso que tive que romper radicalmente para fazer o que eu fiz, interrompendo temporariamente a minha prática psicanalítica. Foi isso que se passou comigo de forma rica e intensa. Assim, eu fiz uma ruptura absoluta com qualquer

possibilidade de precisar existir através de meus analisandos, por mínima que fosse esta demanda. Evidentemente, eu não soube inicialmente que era com isso que estava rompendo ao assumir meu gesto de interrupção, mas aos poucos as coisas foram ficando evidentes para mim. Eu queria existir apenas com as minhas possibilidades psíquicas, apenas contar com elas; e poder também compartilhar a minha vida com as pessoas com quem eu tinha laços afetivos *reais*: a minha mulher, os meus filhos, a minha família e os meus amigos.

Isso quer dizer que para realizar o meu ato de ruptura eu pude dizer, para mim e para os meus analisandos, de forma metafórica, o seguinte: eu não preciso de vocês para existir, e vocês também podem existir sem mim. Nós não somos absolutamente *imprescindíveis* uns para os outros. Nós nos queremos muito bem, fazemos um bom trabalho em conjunto, mas a minha existência pode prescindir de vocês e a de vocês também em relação a mim. Foi porque eu pude dizer isso, no registro simbólico, que pude interromper temporariamente a minha prática psicanalítica, sem sentir mais a culpa e a angústia que sentira até então. Foi por isso também que os meus analisandos puderam elaborar, de alguma forma, a ruptura da experiência analítica de forma satisfatória, sem o que isso teria sido impossível: a culpa e o ressentimento o teriam impedido.

### **Uma vez analisando, sempre analisante**

A realização deste gesto implicou na assunção e no exercício da liberdade. Atingimos aqui a questão fundamental, que está no cerne deste profundo mal-estar gerado, entre alguns analistas, com a interrupção de minha atividade psicanalítica.

Porém a palavra liberdade fica aquém e além do que eu quero

dizer sobre a minha experiência psíquica com isso tudo. Esta palavra diz pouco porque se coloca entre pólos extremos, perdendo a especificidade da experiência em pauta. Isso porque é uma palavra muito abstrata e metafísica, por um lado, e muito vulgarizada pelo senso comum, na linguagem cotidiana, pelo outro.

Para se deslocar destes pólos extremos, é preciso tematizar um pouco o que está em questão neste ato de liberdade, isto é, o que ele implica nos termos de uma experiência psíquica profunda, que não se restrinja às adjetivações fáceis e rápidas. Isso porque é preciso dar materialidade afetiva ao gesto de liberdade. A pergunta que se impõe aqui é a seguinte: o que implica em suma esta experiência psíquica da liberdade, no que concerne à prática psicanalítica?

Vou direto ao ponto, sem rodeios. Para isso pretendo falar a partir de minha experiência psíquica, pela qual posso ter algum acesso à dos outros e fazer a leitura de seus signos insofismáveis. O que eu redescobri foi o óbvio, o que qualquer analista sabe sem se dizer sempre e mesmo quase nunca: que ele se alimenta, para viver, de seus analisandos. Ele precisa disso para existir e para manter a sua identidade. Não me refiro aqui, bem entendido, à identidade psicanalítica, pois é evidente que a figura do analista precisa psicanalisar os outros para se produzir e se reproduzir enquanto analista, e ser então reconhecido como tal. Quero aludir aqui à identidade do analista enquanto sujeito. Ao dizer isso, sei perfeitamente que me refiro a uma coisa muito séria e até mesmo grave, tanto do ponto de vista subjetivo quanto ético.

Por que precisariam os analistas de seus analisandos para manter o seu sentimento de existência e o sentido de suas identidades enquanto sujeito? É aqui que deve ser circunscrita a questão fundamental.

Bem, em se confrontando com esta questão, alguém poderia argumentar de maneira incisiva: a figura do analista precisa da figura de seus analisantes desta forma radical, pois o analista continuaria a sua análise

**P**ara realizar meu ato, eu pude dizer de forma metafórica: nós não somos absolutamente imprescindíveis uns para os outros.

através de seus analisantes. Assim, apesar da inversão dos papéis - agora analista, antes analisando - o psicanalista *continuaria* a sua experiência analítica quando realiza a sua função analisante. Desta maneira, ele retomaria um diálogo criativo com a sua figura originária do analista e com a psicanálise, de forma a colocar em questão certas coisas escutadas e pode reafirmar a veracidade de outras, elevando-as assim ao nível da certeza. Com isso, ele poderia também, em contrapartida, *relativizar* o sentido de sua experiência psíquica particular ao confrontá-la com a dos outros, de maneira que a sua *singularidade* enquanto sujeito possa se circunscrever de forma mais consistente e concreta, ao ser contraposta a outras singularidades. A psicanálise deixa de ser assim um universal abstrato, para se transformar numa universalidade que se singulariza segundo condições de alta especificidade.

Desta forma, pode-se compreender que a identidade e o sentimento de existência da figura do analista passam necessariamente pela função analisante, pois o psicanalista reenvia à exigência de continuar em análise, em deixar esta possibilidade sempre em aberto. Com isso, a análise é relançada para novos desafios, até então inimagináveis. Continuar pois em análise implica em que se possa sempre se reanalisar, de forma contínua.

Seria este o sentido freudiano da análise sem fim (Laplanche) ou infinita (Lacan) ou ainda interminável (Strachey), se vocês quisessem. Assim, a análise sem fim implica então que o analista terminou a sua experiência analítica de maneira formal e até mesmo satisfatória, pois deixa de ir regularmente às suas sessões, mas que ele a continua efetivamente através de cada novo analisante. Enfim, uma vez analisando, sempre analisante.

isto é, o interesse por um certo problema teórico ou clínico. Isso também existe, evidentemente. Porém, esta preocupação é sobreterminada, em se tratando da psicanálise. A curiosidade do psicanalista se funda no inconsciente e nas suas demandas pulsionais, de maneira que busca encontrar *através* de seus analisantes a elucidação e a satisfação de outras inquietações mais fundamentais.

Acredito que isso se passa também nos outros ofícios, sobretudo no campo das ciências humanas. Este não é o caso das ciências naturais, onde o ideal de cientificidade e a exigência de universalidade dos enunciados teóricos tem como contrapartida a colocação entre parênteses do sujeito do inconsciente. Porém no que se refere à psicanálise todo este processo fica mais evidente, pois a identificação do sujeito do saber e do objeto do conhecimento atinge patamares absolutos, de forma a não existir discriminação possível entre eles.

listas de existirem através de seus analisandos. De fato, é com este fio condutor que compreendo o meu engajamento como analista, pelo qual se funda a ética do psicanalista. Enfim, os analistas continuam as suas análises com seus analisandos e por isso as suas identidades enquanto sujeito se fundam no ato de psicanalisar.

## Indispensável?

Porém este argumento não nos esclarece absolutamente o problema central, que foi levantado desde o início. Por que os analistas não podem interromper nunca, temporariamente, o exercício da função analítica? Por que mantê-la de forma contínua e às vezes até mesmo compulsiva? Por que a interrupção se transforma em mal-estar? Por que gerei uma grande inquietude em torno de mim por uma interrupção provisória da minha prática analítica?

Esta é a problemática crucial em pauta, e não pode absolutamente ser confundida com a construção de uma ética genérica do trabalho psicanalítico. Penso até mesmo que, se tomarmos a questão por este viés inesperado, podemos relançar uma nova leitura sobre a ética da psicanálise, retomando-a pois de um novo ângulo. Assim, se confrontar com algo de forma inesperada é o que ocorre na verdadeira interpretação analítica, segundo a melhor tradição da psicanálise. Este é o verdadeiro sentido do conceito psicanalítico do *insight*, pois é a surpresa que provoca uma espécie de luminosidade psíquica, na medida em que possibilita rearticular o contexto do campo simbólico e oferece assim novas formas de leitura, até então inexistentes. Os novos enunciados possíveis se caracterizam pela simplicidade e pela concisão, permitindo a abertura de caminhos inéditos.

**O**s analistas continuam sua análise com seus analisandos, e por isso sua identidade enquanto sujeitos se funda no ato de psicanalisar.

Pode-se considerar por este viés a seleção que os analistas fazem de seus analisandos. Não acredito que as escolhas destes últimos se realizem pela consideração de problemas de ordem intelectual,

Estou plenamente de acordo com tudo isso. Acredito firmemente nisso que foi formulado acima, como um argumento consistente e sério de um suposto interlocutor para justificar a demanda dos ana-



Pois bem, vamos agora direto ao ponto. Se os analistas não podem nunca interromper o que fazem, pois isso é da ordem do *impossível*, este processo acontece na medida em que eles se alimentam de seus analisandos de forma *canibal*. O que está em jogo nisso tudo então, de forma trágica, é uma experiência psíquica da ordem da *devoração*, na qual é preciso canibalizar o outro para continuar a existir. Por conseguinte, se a devoração não pode se exercer, a angústia aparece de forma originária como *horror*, se traduzindo pois pelo mal-estar a que aludi acima.

Porém é preciso aprofundar mais ainda o que está em questão quanto a isso, de forma bem precisa. A postura canibal implica, da parte do analista, que este tem que se posicionar de maneira onipotente face a seus analisantes. Pode-se enunciar esta posição de forma bem simples. É como se o analista dissesse: eu sou imprescindível para eles. Assim, os analisandos não poderiam prescindir do analista, pois sem este eles não sobreviveriam. Contudo, através disso os analistas indicam também, nas entrelinhas, que não podem viver sem os analisandos, já que estes são indispensáveis para as suas existências. Existe aqui pois uma inversão de lugares e uma identificação maciça entre as figuras do analista e do analisante, de maneira a se constituir uma relação identificatória da ordem da *simbiose*.

Neste contexto, a estrutura da relação analítica se funda então na ordem da maternidade; os fantasmas originários centrados na mãe arcaica passam a ocupar toda a cena psicanalítica, regulando de forma insofismável a experiência transferencial. Com isso, a função paterna fica deslocada do espaço psicanalítico e a sexualidade assume formas marcadamente narcísicas. Por conseguinte, o estabelecimento e a assunção da diferença sexual é bastante complicada, quicá impossível.

Ora, é preciso dizer que o que eu vivi com os meus analisantes foi justo o oposto disso. Quando decidi interromper as minhas atividades clínicas, o que disse para eles, de forma metafórica, foi de que eu poderia perfeitamente existir sem eles e eles sem mim. Eu não dependia deles para existir, nem eles de mim. Tudo isso foi dito no nível da enunciação e não do enunciado, bem entendido. É aqui que eu vislumbro algo crucial sobre a experiência da liberdade que está em questão em tudo isso, em que se pode falar da liberdade de forma menos abstrata e metafísica.

em conseqüência, indispensáveis para o sujeito. Enfim, indispensável mesmo é apenas a figura materna originária.

Parece-me que foi por isso que levei quatro anos para tomar esta decisão radical de interromper temporariamente a minha atividade analítica. Para isso, precisei fazer o luto deste lugar onipotente, onde acreditava de alguma forma que eu era indispensável e imprescindível para os meus analisandos. Foi uma experiência difícil, repito. Em contrapartida, foi muito rica e complexa também, tanto para a minha existência singular enquanto sujeito

**P**ara que a castração e a diferença sexual se tornem operatórias no registro analítico, o analista tem que reconhecer que não é indispensável para ninguém.

Evidentemente, poder interromper temporariamente a atividade analítica implica em poder prescindir do outro para existir. Em linguagem psicanalítica isso quer dizer que se pode instituir a experiência da castração, para que a diferença sexual possa se tornar algo da ordem do possível. Para que estas últimas se tornem operatórias no registro analítico o analista tem que reconhecer que não é indispensável para ninguém, pois pode ser substituído por outras figuras, que também não são,

quanto para aprender de maneira definitiva uma outra perspectiva da função analisante.

Além disso, foi por isso também que submeti meus analisandos e eu mesmo, sem me dar conta imediatamente do que fazia, à experiência trágica de *desconstrução material* do espaço psicanalítico. Eu tinha planejado inicialmente fazer a mudança de meu consultório no dia seguinte ao meu último dia de trabalho analítico. Fiquei então apreensivo de que minha secretária, que iria realizá-la, não o fizesse de

forma adequada. Então, na última semana de trabalho fui progressivamente retirando todos os móveis e objetos de meu consultório. No final, restava apenas a poltrona e o divã, estando todo o resto vazio e as paredes completamente nuas. Desta maneira, toda a dimensão teatral do espaço psicanalítico foi sendo desconstruída dia após dia, de forma a assistirmos todos de forma trágica a desmobilização material do espaço analítico. Do cenário psicanalítico, apenas permaneceu o essencial, isto é, a carne e o osso: a poltrona e o divã.

Penso que isso que ocorreu foi fundamental, para mim e para os meus analisandos, pois a desconstrução da experiência analítica assumiu uma materialidade eloqüente, tal como a da morte. Com efeito, somente acreditamos plenamente na morte de alguém que nos seja próximo se olharmos efetivamente para o corpo morto e para o cadáver diante de nós. Enfim, reconhecer a morte de alguém implica em perceber visualmente a imobilidade cadavérica do corpo morto, senão não acreditamos plenamente na morte.

## A evaporação e o desconhecido

Dito isso, é preciso agora relançar todos estes conceitos no registro de uma ética da psicanálise. Assim, se o analista deve continuar a sua experiência analítica singular através de seus analisandos, ele deve reconhecer que a psicanálise deve também se deter em algum momento. Na sua infinidade simbólica, a experiência analítica é também finita no registro do real. Para isso, a figura do analista deve se transformar para o analisante em algo de que possa efetivamente prescindir de maneira radical, para que a existência possa se tornar possível, tanto do ponto de vista do desejo quanto do prazer.

Para isso, contudo, é preciso que a figura do analista possa reconhecer que não é imprescindível para ninguém, para que a função analítica possa deixar de existir no registro do real e se inscrever no registro simbólico. Esta operação implica na castração simbólica da figura do analista pela figura do analisando, através da qual o primeiro tem que reconhecer a sua castração e sua morte no real para se transformar efetivamente em símbolo.

Entretanto, a canibalização da figura do analisante pela do analista impede que esta operação se realize efetivamente, pois, se este último se coloca de forma imprescindível para a existência do analisando, a ruptura deste vínculo se transforma em algo da ordem do impossível. O resultado disso é a culpabilização infinita do analisante ao pretender dizer que pode prescindir do analista, quando este não pode reconhecer a sua finitude e a sua castração.

Outras conseqüências nefastas disso? As análises se tornam intermináveis, no registro do real. Neste contexto, freqüentemente entra em cena um outro analista, pois é preciso ao sujeito empreender uma outra experiência analítica para que uma figura terceira possa interromper o ciclo diabólico da impossibilidade de castração do analista inicial. Para isso, é preciso romper também o masoquismo que alimenta de forma mortífera a figura do analisante quando a do analista não aceita a sua condição de não ser indispensável para ninguém.

É simplesmente isso que queremos dizer, para que se possa repensar alguns pontos da ética da psicanálise a partir da situação que descrevemos inicialmente, isto é, o mal-estar dos analistas em poder interromper temporariamente a sua função analítica, pois isto implicaria em reconhecer a sua finitude, a sua mortalidade e a sua

castração. Para isso, é preciso reconhecer que não são imprescindíveis para os seus analisantes. Contudo, isso implica em realizar uma viagem para o desconhecido, para se encontrar com o estrangeiro que existe no horizonte de nossa existência. Este estrangeiro, que nos é familiar ao mesmo tempo, Freud denominou de inconsciente e de sinistro. É esta inquietante familiaridade que pode nos indicar novos caminhos e percursos.

Vale dizer, é preciso que os psicanalistas possam se esquecer temporariamente deles mesmos, para que possam se evaporar e se desligar de seus referenciais narcísicos. Com isso, eles podem talvez aprender a voar, como nos ensina de maneira concisa e delicada o romancista norte-americano Auster, numa parábola instigante e plena de ternura.

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro  
de 1996. ■

## NOTA

1. P. Auster, *Mr. Vertigo*. Paris, Babel, 1994, p. 399. Os grifos são meus.